

Marília Kosby
Juliana Nunes
Flávia Rieth

JANELAS Y MASCARILLAS: UM ENSAIO POÉTICO E VISUAL EM TEMPOS DE PANDEMIA

A pandemia do novo coronavírus nos colocou diversos temas e questões que nos fizeram repensar que tipo de humanidade somos nós ou qual é o modo que estamos vivendo e o que nos é oferecido: comida rápida e de má qualidade, águas poluídas, riscos de mineração, rompimentos de barragens, no entanto essa experiência nos proporciona mirar dentro desse espectro da vida que finalmente começou a insurgir para deixarmos de “tapar o sol com a peneira” e compreendermos de uma vez por todas que, citando Ailton Krenak (2019, p. 30): “a gente não fez outra coisa nos últimos tempos senão despencar”.

Nesse sentido, o isolamento físico (não social, tendo em vista que continuamos a nos comunicar e até mesmo reinventar novas formas de interação social) fez com que nós humanos desacelerássemos nossos corpos e nosso passar (visto desde as janelas de carros ou ônibus) frenético pelas ruas das cidades e nos trancasse dentro de casa a fim de conter o avanço da doença.

A inércia do corpo, sem os caminhares rotineiros, trouxe angústia e desespero, por vezes ansiedade e insônia, sensações que foram oscilando com o passar do tempo, mas que nos permitiram imergir em outras grafias conhecidas nossas e dessa maneira dar vazão aquilo que estava dentro de *nosotras*, como é o caso apresentado neste texto: desenhos, fotografias e poesias.

Desde as nossas *ventanas*, passamos a olhar o universo, que aos poucos foi se tornando povoado por diversas miudezas despercebidas – aqui remeto para a poesia de Manoel de Barros e seu Tratado Geral das Grandezas do Ínfimo – a olho nu ou por estarem tomadas pelos ruídos do dia a dia corrido, não eram reparadas.

Além dessas miudezas diárias, esse processo de distanciamento social nos colocou o “devir com o vírus” (HARAWAY, 2020) e esse real dentro do panorama mundial apresentado diante das nossas mais de “cem janelas” (no sentido de uma quantidade significativa de informações com as quais entramos em contato diariamente) de comunicabilidade: o processo de conviver com o invisível conhecido, as desigualdades sociais nunca antes tão expostas como nesse momento e o problema da injustiça alimentar: “repensar a questão de fornecimento de alimentos como uma questão de cuidado e justiça que se intensifica em tempos de pandemia” (HARAWAY, 2020 p.02).

Nesse devir *com*, surgiram nossas criações *pluriversas* (ESCOBAR, 2016), em conexão a partir da reflexão do nosso tempo, que se encontra numa sensação de suspensão, tal como pontua Turner (1974) sobre situações de liminaridade, experiência e perigo.

Dessa maneira as colagens com desenhos e fotografias aqui apresentadas acompanham as notícias da pandemia no mundo, especialmente as da crise sanitária crescente no Brasil. As imagens evocam outras formas de pensar e sentir em um momento em que nos colocamos na lista das espécies em extinção segundo Ailton Krenak (2019).

A quarentena se coloca como uma **temporalidade liminar**, de reclusão, que nos move para reinventar as formas de estar e habitar o mundo. Neste momento de incerteza pandêmica, aprendemos que o **isolamento que vivemos é físico e não social**. No entanto, percebemos que esse isolamento físico não está sendo respeitado de maneira correta a fim de que se possa conter o avanço do vírus e assim sendo, cada vez mais as barreiras de contato com o vírus vão diminuindo e ocorrendo a propagação do mesmo.

O uso de máscara, o permanecer em casa se possível, não promover aglomerações, paradoxalmente nos conectam com os outros em razão do cuidado com a vida, dos vínculos sociais. Embora estejamos a reivindicar o direito da vida e da morte, nesta continuidade, num devir *com*, também percebemos que, enquanto mulheres, ficamos sobrecarregadas diante do cuidado com a vida dos enfermos, as tarefas da casa somadas ao trabalho *home office* e, em muitas situações, convivendo com a violência doméstica.

A sociabilidade por intermédio das janelas dos prédios ou por meio da tecnologia, através dos computadores e celulares, nos conectando uns com os outros, insurgem as relações de empatia, de respeito às diferenças: conexões locais, parciais e globais.

Nesse sentido, dimensionamos qual é a motivação do não uso de máscara? Ou a da negação da pandemia e o não cumprimento do isolamento social? Ações que desvelam as fraturas sociais do nosso país, a indiferença e o individualismo. E a Nossa cegueira branca aos moldes de José Saramago (2004) com relação a nós mesmos, ao não percebermos que o sentido dos outros na nossa existência, da alteridade, é o de se reconhecer como sujeito.

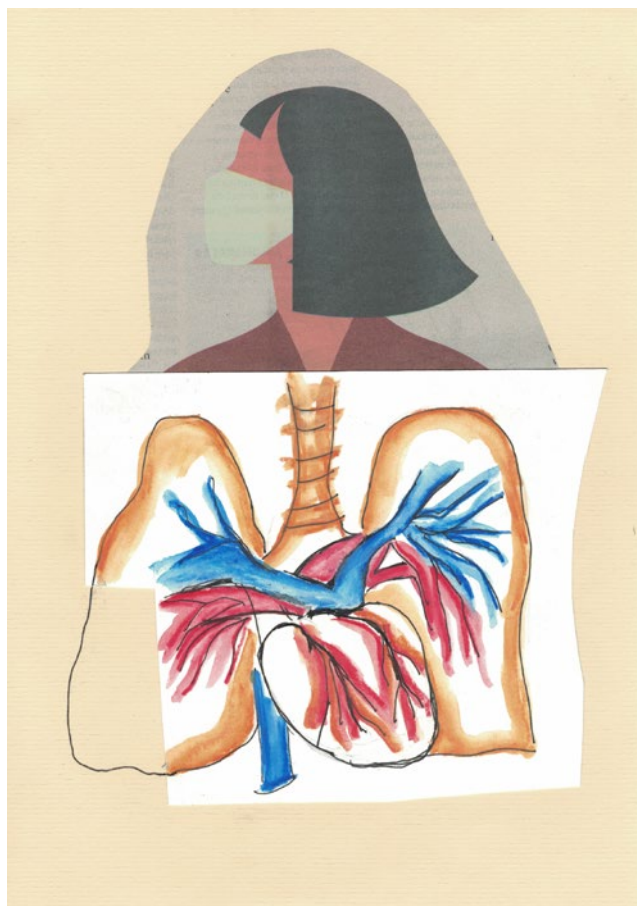


Figura 1- respiração, pulmão, mascarilla



Figura 2 - janelas de prédio e sociabilidade



JANELAS

Figura 3 - Janelas de prédio



Figura 4 - janelas e comunicação



Figura 5 - janelas no celular



Figura 6 - janelas no computador



Figura 7 - Janela da cozinha – uma construção



Figura 8 - Janela da cozinha – plantas-tempo



Figura 9 - Janela do quarto azul – árvore-pássaro rizomática

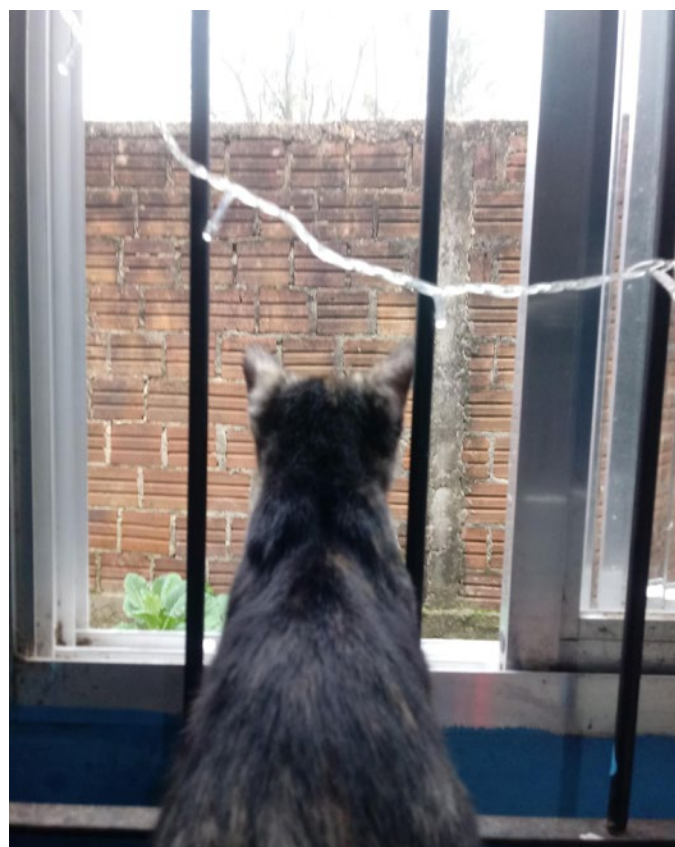


Figura 10 - Gata Otília - Janela do Quarto Azul

Criei uma página no *Instagram* para compartilhar com a minha família os desenhos que fiz imaginando a rotina da minha avó, enquanto não posso visitá-la. É um diálogo com a Velhinha de Taubaté, personagem do Luís Fernando Veríssimo. Só que a octogenária Vó da Tamandaré é extremamente cética quanto à política, não pratica religião e fuma sem parar desde os 12 anos de idade. Da Velhinha de Taubaté diria: "Velha boba!". (Marília Kosby)

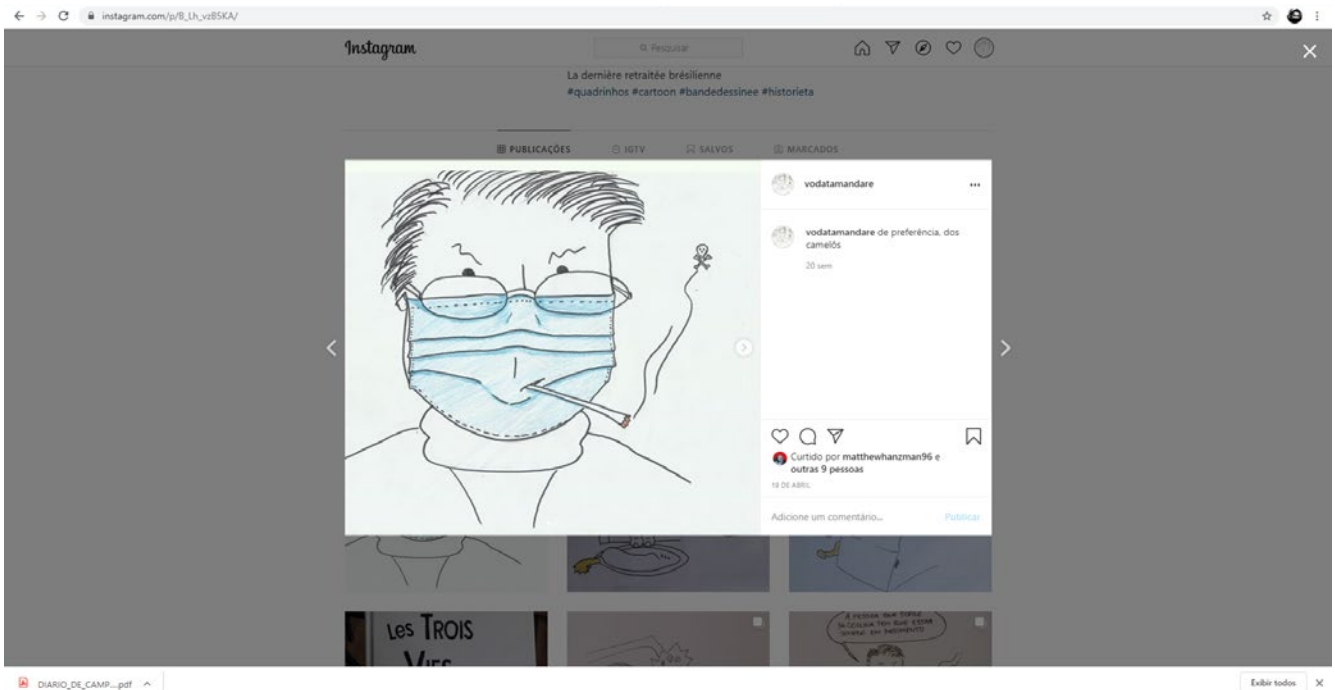


Figura 11 - Vó da Tamandaré

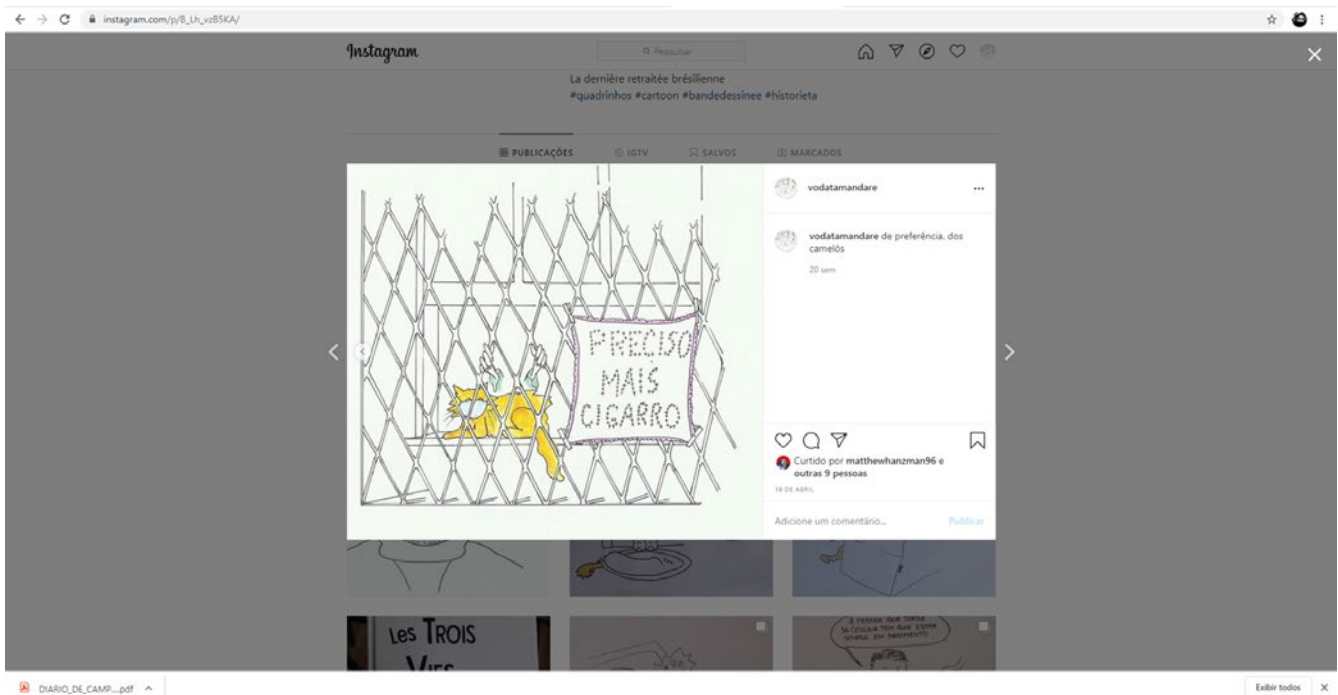


Figura 12 - Gato Frederico

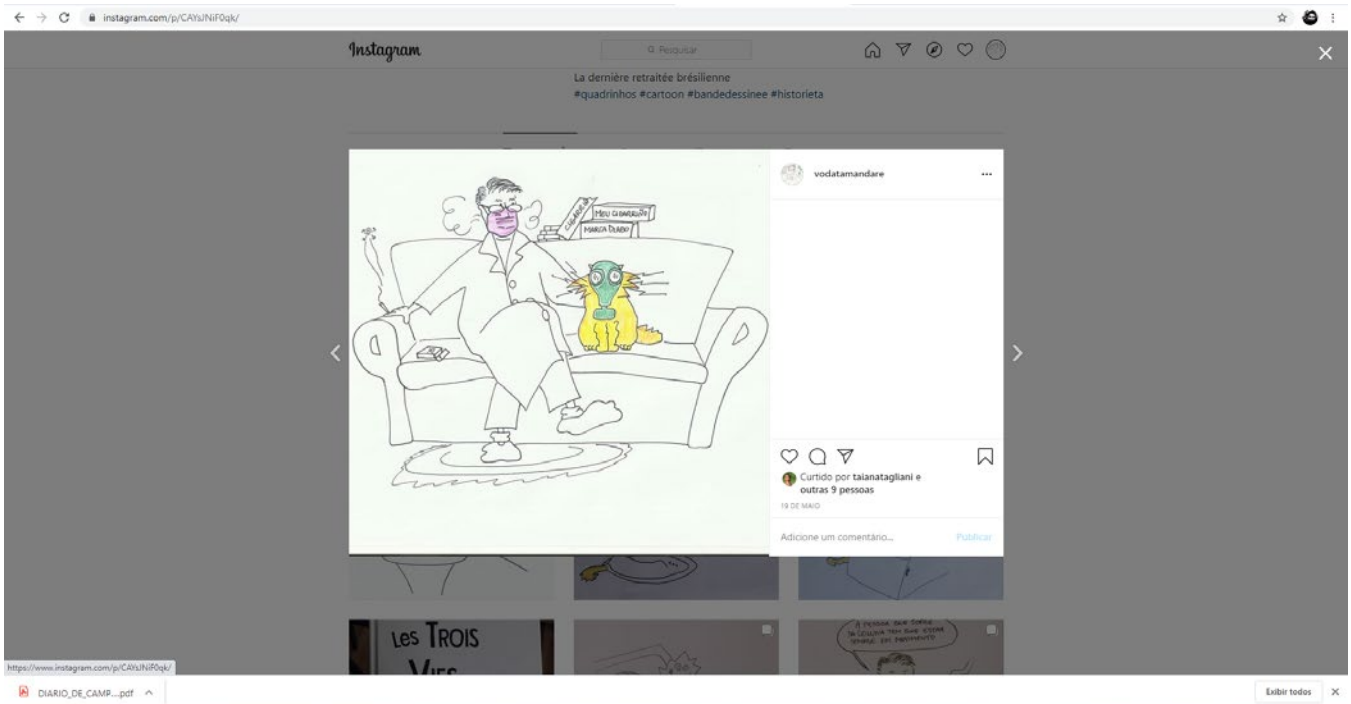


Figura 13 - Vó e Gato de mascarilla

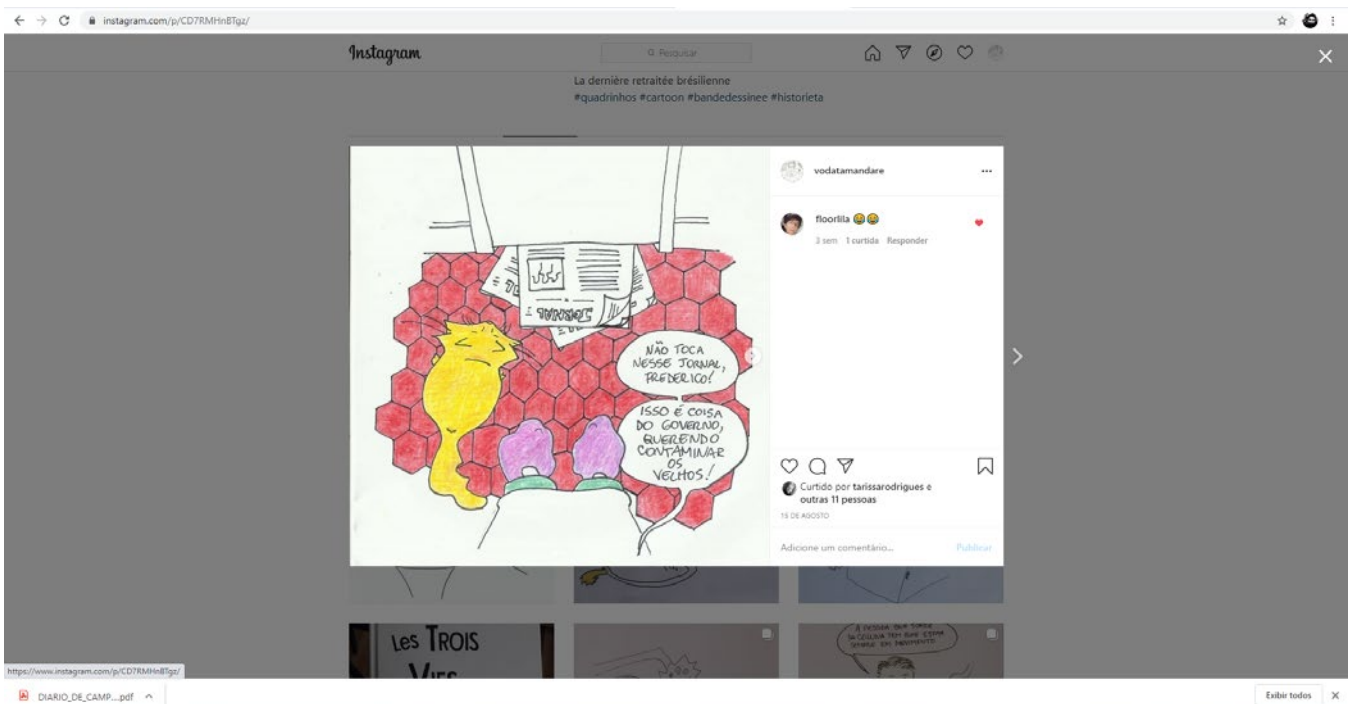


Figura 14 - Vó e os Jornais

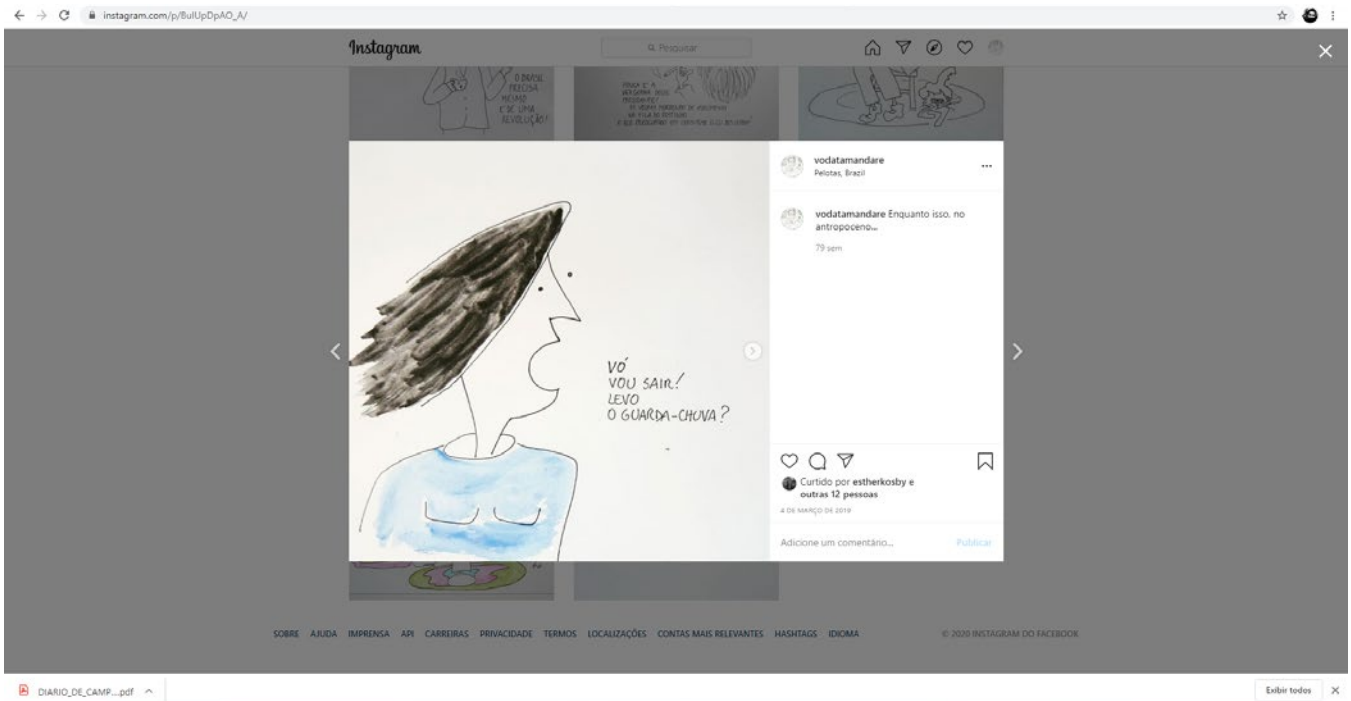


Figura 15 - previsão do tempo

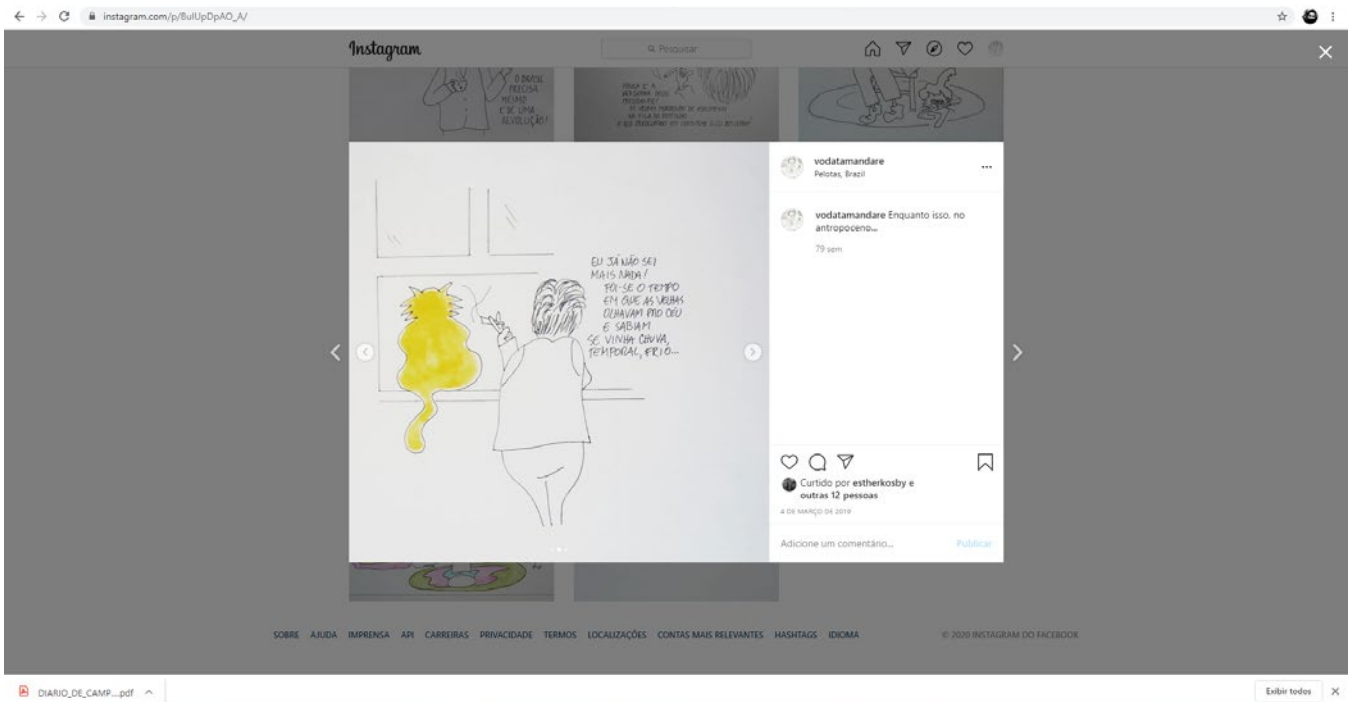


Figura 16 - previsão do tempo



Figura 17 - não é fácil matar as velhas

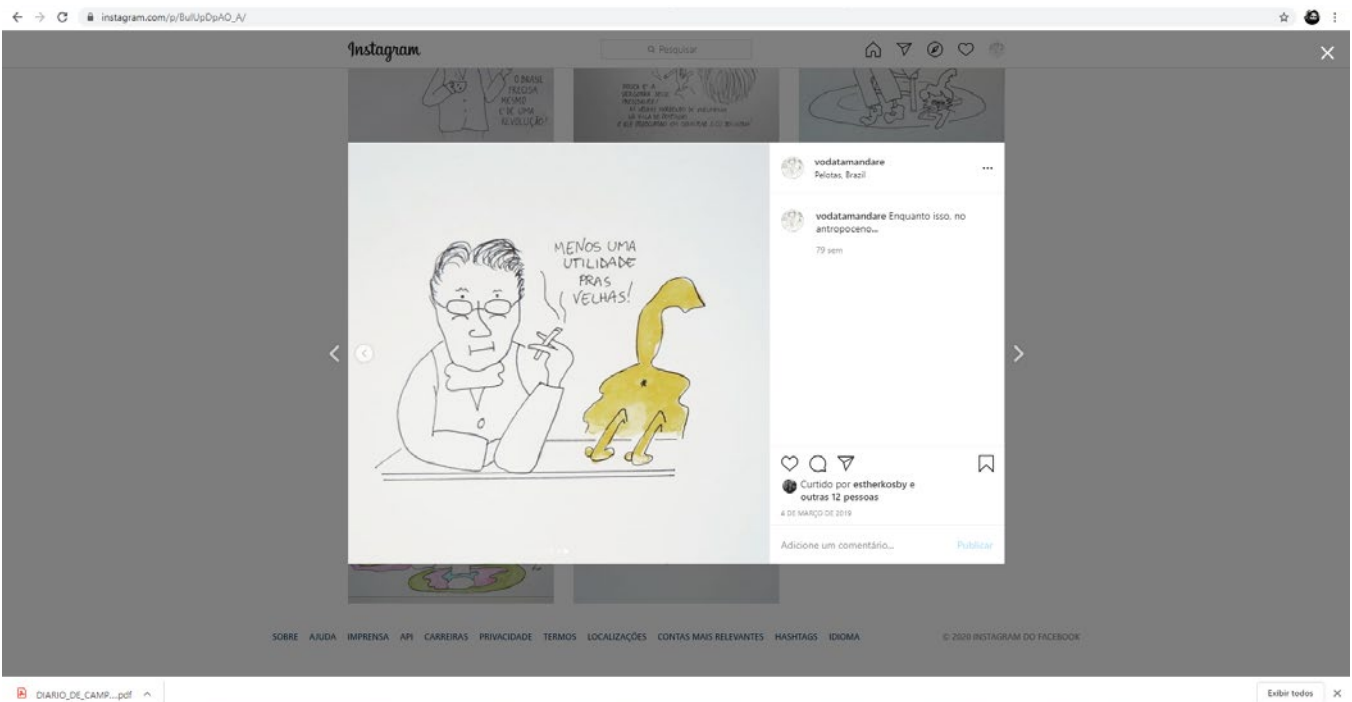


Figura 18 - o gatito

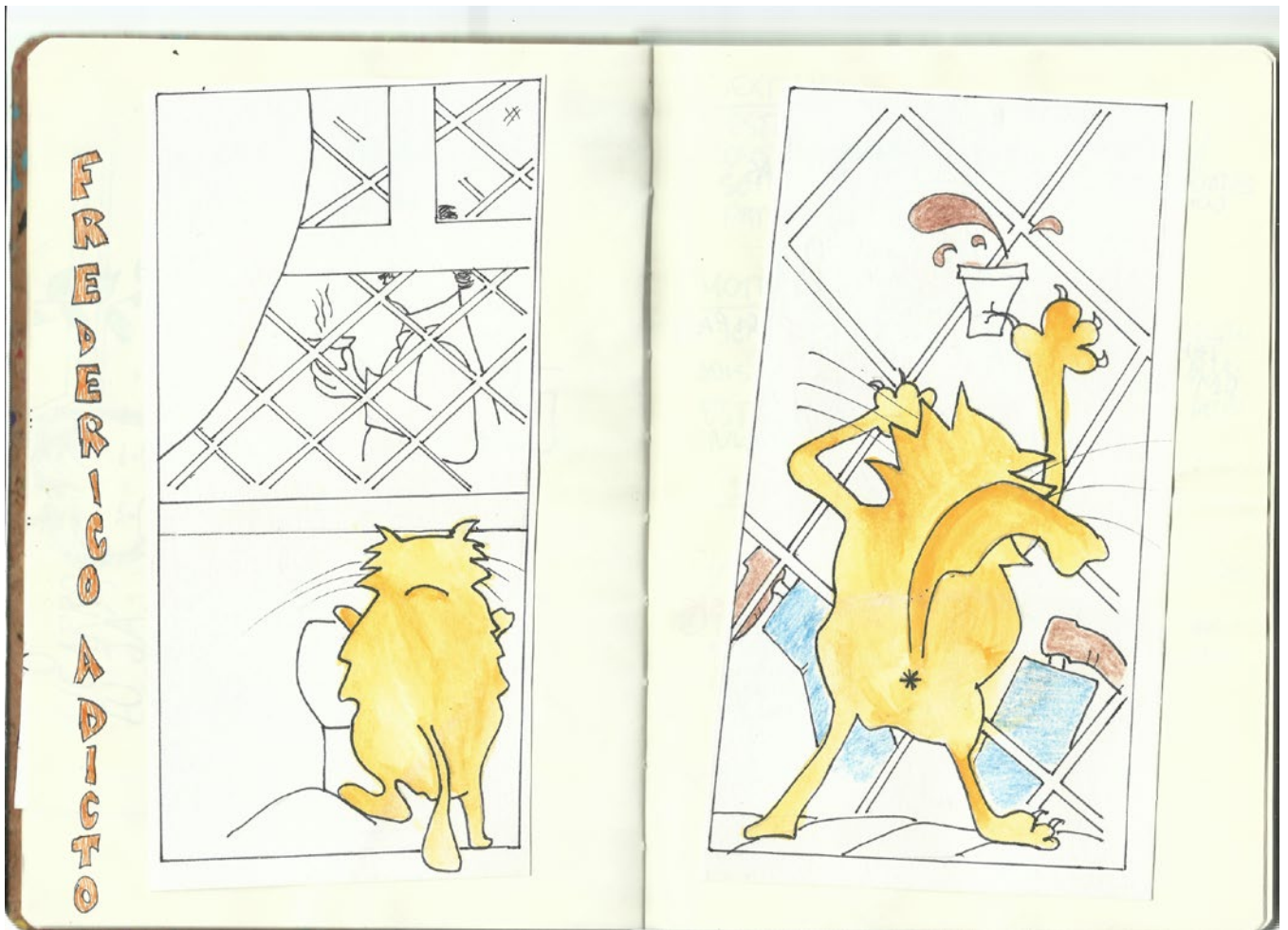


Figura 19 - vô da Tamandaré na janela

UM POEMA-NOITE DENTRO DA PANDEMIA

Uma noite
 una noche
longa
 interminable
uma luz
 una luz
 amarela
num quarto
 com cortinas transparentes
os gatos
 los gatos do sonho
sonho
 sueño
em miados y tripas roncando
el trem
 o som do trem passando
os perros
 los cachorros uivando
os bem-te-vis
 dizendo: *Oh! Que vergonha!*
quando o sol mal bate na ventana
y o exílio
esse que te vira a cara
destroça e bate no peito
 pode ser que esteja frio
capaz que 1 grau
 com corpo e tudo
dando revolteios para se enganar
 porque aqui
ainda beijos
 entre alfaces e gallinas
tem o pé de anis
para as noites em
que
a lua
míngua.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ESCOBAR, Arturo. Sentipensar con la Tierra: Las Luchas Territoriales y la Dimensión Ontológica de las Epistemologías del Sur. **Revista de Antropología Iberoamericana**. Volumen 11, número 1, enero-abril, Madrid, 2016

HARAWAY, Donna. Ficar com o Problema. Conversa entre Donna Haraway, autora do livro Ficar com o Problema, e sua tradutora para o espanhol, Helen Torres, maio de 2020. **N-1 edições**.

KRENAK, Ailton. **Ideias para Adiar o Fim do Mundo**. Companhia das Letras, São Paulo 2019.

SARAMAGO, José. **Ensaio sobre a Cegueira**. Companhia das Letras, São Paulo, 2004.

TURNER, Victor. **O Processo Ritual: Estrutura e antiestrutura**. Editora Vozes, Petrópolis, 1974.